

RUA SAMPAINHO

Ato nº 25 de 29-06-1931

Formada pela rua antes denominada Travessa Sampainho, na Vila Póvoa

Início na rua Coronel Quirino

Término na avenida José de Sousa Campos

Vila Póvoa

Cambuí

Obs.: Ato assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Orosimbo Maia.

## SAMPAINHO

Antonio Carlos Sampaio Peixoto, o Sampainho, nasceu em Campinas, a 15-03-1835 e faleceu em Campinas, a 10-03-1914. Era filho do dr Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto e Maria do Carmo da Silva Leite e foi casado com Luiza Carolina da Silva Sampaio, deixando oito filhos. Fez seus primeiros estudos em Campinas junto com os cursos de música, desenho e pintura. Após, seguiu para São Paulo, concluindo seus estudos de latim, francês e inglês, ingressando na Faculdade de Direito. Desejoso de dedicar-se à pintura e à mecânica, abandona os estudos em São Paulo e retorna a Campinas, onde após casar-se, retira-se para uma fazenda de propriedade do Marquês de Três Rios, onde permanece por seis anos, entregue aos trabalhos agrícolas. Em 1861, volta à cidade e inicia grande atividade artística e industrial. Constrói o cemitério da Irmandade das Almas e procede total reforma na cadeia pública. Em 1864, por empenho de toda a sociedade é nomeado pela Câmara Municipal diretor das obras da construção da Matriz Nova (Catedral), onde teve um desempenho excepcional, trazendo do Rio de Janeiro um grupo de entalhadores para a execução de obras faltantes, realizada em dois anos, voltando suas vistas para a fachada do templo. Exonerando-se do cargo, em 1867 monta a importante olaria, que por concessão de D. Pedro II, mereceu o título de Imperial Olaria Sampaio Peixoto, à qual, adicionou no ano seguinte uma oficina mecânica. Mais tarde ampliou esta oficina com uma fundição de ferro e de bronze, onde foram executados belíssimos e difíceis trabalhos, entre os quais a reprodução da célebre "Ceia" de Leonardo da Vinci. Os tijolos fabricados em sua olaria tornaram-se afamados pela qualidade e quando da visita de D. Pedro II, em 1875, o Imperador ali esteve e não ocultou sua admiração por tudo o que lhe foi dado a examinar, notadamente, por ser inteiramente mecanizada, e as telhas serem confeccionadas por apurada técnica, idealizada por seu fundador. Após relevantes serviços prestados à lavou-

ra e à população local, o Sampaio se viu obrigado a fechar, em 1885, a sua Imperial Olaria. Lecionou pintura, sendo artista muito apreciado, havendo deixado obras de muito merecimento, como o belo retrato de Vitor Hugo, que se encontra numa das salas do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Deixou vários trabalhos artísticos e muitos desenhos, estes de quando ainda era estudante em São Paulo. Era socio benemérito da Real Sociedade de Beneficência Portuguesa, da Artística Beneficente, do Circolo Italiani Uniti, hoje Casa de Saúde Campinas e da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.



Visa, começa na rua Carlos de Campos; — "Rua Quintino Bocayuva", a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praga; — "Rua Dr. Braulio Gomes", a rua travessa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e a Estrada de Ferro Paulista; — "Rua Dr. Angelo Simões", a rua que se dá a Avenida Saudade e vai à Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Travessa da Abolição); — "Rua Dr. Melcher", a rua Travessa da Barque de Macedo entre Carolina Florence e a Estrada de Ferro Sorocabana; — "Rua Cudes Barreto", a travessa que vai da Avenida da Saudade à Estrada de Ferro; — "Rua Salles Leme", a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Bótim na Villa Marietta; — "Rua Dr. Lopes Trovão", a penultima travessa da rua Paula Bueno no Taquaral; — "Rua Dr. Octavio Machado", a ultima rua, travessa da Paula Bueno, no Taquaral; — "Rua Coronel Moraes", a 2.ª rua parallela à Friblense e Barque de Macedo, no Guanabara; — "Rua José do Patrocínio", a rua marginal à Friblense, no Guanabara, parallela à Cel. Moraes; — "Rua D. Anna Euprosima", a rua 1.ª parallela à L. de Margo, no Guanabara, entre Barque de Macedo e Friblense; — "Rua Dr. Barque de Macedo", a rua conhecida já com esse nome, no Guanabara, entre Carolina Florence e Raphael Samparo; — "Rua Mac-Hardy", a rua n.º 2 do arruamento Virolóto; — "Rua Elias de Souza", a rua parallela à Salles Oliveira, no começo do cruzamento das ruas Antonio Bento e Carlos de Campos; — "Rua General Bento Daltro", a rua situada entre a Avenida do Paraná e a Estrada de Ferro Paulista — penultima transversal; — "Travessa Maria Monteiro", a travessa parallela à rua Americo Brasiliense.

**Artigo 2.º** — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução do presente acto compete, que o cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nelle se contém.

Campinas, 29 de Junho de 1931.

Orosimbo Maia.

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.

O Secretário,

Amilcar Alves.

## LEI N.º 23

(Denominação de ruas)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve:

**Artigo 1.º** — As vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora-avante, assim denominadas:

"Rua Dr. Betim", a rua que vai da Avenida da Saudade, perto do antigo Hospital de Isolamento, à estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — "Rua Antonio Lapa", a 1.ª parallela à Rua Dr. Enólio Ribas, no Cambuhy, vulgarmente chamada rua Eça Esperança; — "Rua Azarias de Mello", a 1.ª rua parallela à rua Paula Bueno, no alto do Taquaral; — "Rua Barão de Pirapitinguy", a rua que fica parallela à Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulú de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — "Rua Dr. Silva Mendes", a rua n.º 5, 2.ª parallela à Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — "Rua Barão de Ibianga", a rua 8 da Villa Industrial, parallela à Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — "Rua Jorge Miranda", a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro à rua Paula Bueno; — "Rua Sampainho", a rua hoje denominada Travessa Sampainho, na Villa Póvoa (Cambuhy) parallela à Padre Leme; — "Rua Americo Brasiliense", a rua n.º 1 da Villa Almeida; — "Rua Dr. Delphino Citra", a rua que fica entre José Paulino e Hercules Florence; — "Rua Fulcão Filho", a que vai da rua Marechal Deodoro a Hercules Florence; — "Rua Barata Ribeiro", a que dá Av. D. Libânia vai à Rapura — 1.ª parallela à rua do Sacramento; — "Rua Diogunho", a rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no bairro do Cambuhy; — "Rua Oswaldo Cruz", a rua 2.ª parallela à Baroneza Cealido de Rezende — da rua Carolina Florence à Paula Bueno; — "Rua Padre Almeida", a rua 2.ª parallela à Maria Monteiro, na Villa Almeida; — "Rua Lina", a 2.ª parallela à Maria Monteiro, na Villa Almeida; — "Rua Dr. Rodrigues Alves", a rua parallela à Estrada de Ferro Mogiana; — Começa na rua Salustiano Penteado, no Jardim Paulista; — "Rua Julio Frank", a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da Friblense; — "Rua Roque de Marco", a rua Bom Retiro, na Bela



# Imperial Olaria de Sampaio Peixoto

— José de Castro Mendes —

## ANTONIO CARLOS SAMPAINHO PEIXOTO

Artista e industrial, Antonio Carlos Sampaio Peixoto cidadão conterrâneo, deixou o seu nome ligado à história da cidade pelo seu espírito de iniciativa presente a todos os empreendimentos que visassem o bem da coletividade.

Em 1867 fundava uma olaria, sendo o pioneiro dessa indústria neste município. Fabricando telhas e tijolos em pouco tempo ganhava preferência pelo acabamento e solidez do material empregado. São esses mesmos tijolos que agora voltaram a se tornar conhecidos e disputados pelos apreciadores de antiguidades, quando retirados de algumas demolições de prédios tradicionais como o solar Bueno de Miranda que existiu na rua Moraes Salles, esquina da Irmã Serafina.

O que tem despertado a curiosidade de muita gente sobre os referidos tijolos, é aquele emblema imperial ladeado pelas iniciais I.O. que se observam gravadas em uma das faces, emblema esse cuja origem é a seguinte, segundo notas coligadas pelo ilustre professor Celso Ferraz de Camargo:

"Antonio Carlos Sampaio Peixoto, o Sampaio como era mais conhecido, nasceu nesta cidade em 15 de março de 1835, filho único do consórcio do Dr. Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto, destacado advogado do fórum local, e D. Maria do Carmo da Silva Leite. Fez seus estudos iniciais nesta cidade, além dos de música, de desenho e de pintura. Contrariando sua natural vocação, seus pais queriam que ele seguisse a carreira jurídica, com tal finalidade, concluiu em São Paulo os seus estudos de latim, de francês e de inglês, materiais de que fez exame, obtendo aprovação plena.

Impedido assim em seu desejo de dedicar-se à pintura e à mecânica, abandonou os estudos e o desenho, que já havia produzido alguns trabalhos de valor, voltando a terra natal. Consorciou-se, em 1855, com D. Luiza Carolina da Silva Sampaio, e retirou-se para fazenda agrícola do então Comendador Joaquim Egidio de Souza Aranha, depois Marquês de Três Rios, padrao de seu consorte. Ali permaneceu por espaço de seis anos, não na ociosidade, mas sim entregue aos trabalhos agrícolas.

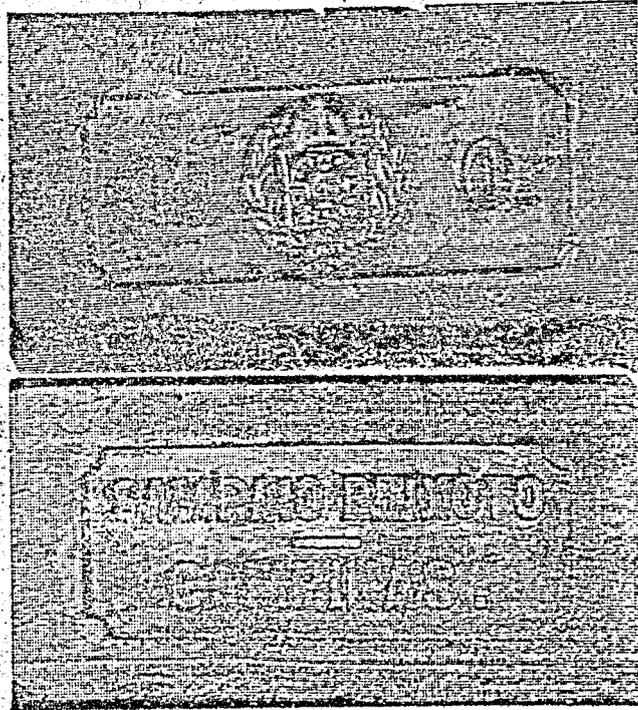
Em 1861, voltou para a cidade. Volvido a vida cidadã, inicia grande atividade artística, a par da industrial.

O primeiro trabalho de que é incumbido foi a construção de cemitério da Irmandade das Almas, dando cabal desempenho e fazendo gravar no artístico portão de entrada, a inscrição: Siste, viator, et ora! Este grande labor artístico do Sampaio durou o tempo em que exerceu as funções de zelador do referido cemitério.

J. A. A. Van Halle, viajando em 1872 pela Província de São Paulo, veio a Campinas onde teve ocasião de apreciar devidamente o seu desenvolvimento, publicando as suas impressões pelas colunas de uma folha local. Entre outras coisas relata o seguinte com referência às obras da Matriz Nova:

«É fácil compreender-se a surpresa que experimenta um homem de gosto e de conhecimentos que visita um tal edifício, gretado por todos os lados, feito de materiais tão fracos e frágeis, e sendo como já disse, uma igreja que deve atravessar os séculos, arrostar tôdas as intemperies do ar, dos ventos e das chuvas diluvianas, tão frequentes aqui em Campinas, e sem cair».

«Para ser justo, convém confessar que na época desta construção (1808 e em anos posteriores, Campinas não tinha como tem hoje a felicidade de possuir uma fábrica de telhas e tijolos e uma fundição de ferro que há três anos a esta parte se estabeleceu por iniciativa individual do inteligente, laborioso e modesto industrial sr. Sampaio Peixoto, único fundador e criador deste importante estabelecimento que tiver o prazer de visitar em todos os seus detalhes, e que por seu arranjo e ordem não ficam aquém de nenhum estabelecimento deste gênero existente no país».



Tijolos retirados do antigo solar Bueno de Miranda e que hoje estão sendo disputados pelos colecionadores de antiguidades

("CORREIO POPULAR")

FAL. 10.03.1914

Em 1862, com Joaquim Correia de Melo, notável botânico patricio, constituiu a comissão encarregada pela Municipalidade de executar os reparos necessários da cadeia, que desempenhou satisfatoriamente, dando melhor aspecto ao edificio.

Em 1864, por ocasião de retirar-se das obras de entalhe da atual Catedral, então Matriz Nova, Vitoriano dos Anjos, deixando concluídos o altar-mor, o arco-cruzeiro, os pulpitos e a capela do Santissimo, foi o Sampaio nomeado pela Câmara Municipal diretor das obras desse maggestoso templo, cargo que só acceitou a empunhas de Joaquim Bonifácio do Amaral, mais tarde Visconde de Indaiatuba, Comendador Manoel Carlos Aranha, Francisco do Amaral Lapa e outros amigos e admiradores seus. Dirigiu-se, então, ao Rio, e com auxilio dos arquitetos Job Justino de Alcântara, Antonio de Paula e Castro e Dr. Bittencourt da Silva, conseguiu organizar um grupo de entalhadores, tendo a sua frente Bernardino de Souza Reis e Almeida. Com essa equipe de ilustre artistas, executou, em dois anos, os seus altares dos cantos, a capela de Bom Jesus e os quatro altares laterais. Fimdo esse trabalho, voltou suas vistas para a fachada do templo, que não foi executado sob sua gestão, embora dela tenha tratado com técnicos no Rio, por se haver exonerado do cargo de diretor, tendo concorrido muito para isso um grande desastre que nessa ocasião se deu nas obras do templo, causando a morte de alguns operários e graves ferimentos a outros (1866).

Livre desse pesado encargo, o Sampaio não ficou inativo. Em 1867, montou a importante olaria, que mereceu, por concessão de D. Pedro II, o título de Imperial, a qual adicionou no ano seguinte uma oficina mecânica. Devidamente autorizado, os tijolos passaram a ter gravado em uma das faces as armas do Imperio, ladeadas pelas letra I e O, enquanto a outra trazia a inscrição: Sampaio Peixoto — Campinas. Nessa olaria, inteiramente mecanizada, foram fabricados os disputados tijolos. Mais tarde ampliou a oficina, com uma fundição de ferro e de bronze, na qual foram executados belissimos trabalhos, entre os quais a reprodução da célebre "Ceia" de Leonardo da Vinci. Em 1875, foi ela visitada por D. Pedro II, que não ocultou sua admiração por tudo que lhe foi dado examinar, principalmente por ser inteiramente mecanizada, segundo planos bem idealizados por seu fundador. Após relevantes serviços prestados à lavoura e à população local, o Sampaio se viu obrigado a fechar, em 1885, a sua Imperial Olaria".